

**SOCIEDADES
POLARIZADAS?**

**DESAFIOS
PARA A
SOCIOLOGIA**

XII CONGRESSO
PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

4 - 6 ABRIL 2023

CONVENTO DE SÃO FRANCISCO – FACULDADE DE ECONOMIA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

XII Congresso Português de Sociologia

*Sociedades Polarizadas?
Desafios para a Sociologia*

Coimbra, 4 a 6 de março de 2023

Celebrar a Memória do João Ferreira de Almeida

Carlos Fortuna

XII Congresso Português de Sociologia

Coimbra, 4-6 de abril de 2023

Caras e Caros Colegas

Que estranho é estar aqui, perante vós, a tecer considerações e a celebrar a memória do João Ferreira de Almeida. Primeiro presidente da Associação Portuguesa de Sociologia (APS) entre 1986 e 1990, e Presidente do ISCTE-IUL, o João desapareceu do nosso convívio em 2022. Perdemos então um dos mais grados nomes da Sociologia portuguesa, senão mesmo o mais grado nome ligado à sua institucionalização, logo a seguir ao trabalho pioneiro de Adérito Sedas Nunes e da equipa que JFA acompanhou, anos a fio, no Gabinete de Investigações Sociais IS, então sediado no ISCEF.

Em 2005, em discurso proferido por ocasião da celebração do 20º aniversário da fundação da APS, o saudoso JFA propôs-nos uma breve história da disciplina sociológica. Quem melhor o poderia então ter feito? Depois de se referir aos primórdios da investigação sociológica ainda na vigência do Estado Novo e ao papel pioneiro desempenhado pelo Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa – herdeiro da tradição de pesquisa iniciada no GIS–JFA tornaria claro o seu entendimento dos desafios principais da Sociologia em Portugal: **(1)** encorajar o espírito da internacionalização científica e **(2)** participar em estudos comparados que nos permitiam deslindar melhor a sociedade portuguesa.

Assinale-se *en passant* que, para o João, alcançar estes desígnios era, desde a fundação da APS em 1985, tarefa decisiva para ampliar os horizontes e alcançar a consagração universitária da sociologia portuguesa que permanecia profundamente tributária do exterior e sobretudo da Sociologia francesa. Seria nesse território comparatista, apesar de reconhecer as suas diversas armadilhas, que se desenharia o carácter pluriparadigmático e dialogante da sociologia

portuguesa. Para a linha de pensamento de JFA, partilhada com José Madureira Pinto, a quem ouvi o João tratar, ternamente, como a sua “alma gémea”, esta abertura garantiria a sóbria consistência da sociologia, enquanto virtuosa articulação da disciplina académica e o desempenho profissional dos seus praticantes. Este diálogo era não apenas a interação cúmplice cerzida com outras áreas vizinhas do saber, mas também com as práticas vindas de outras geografias e de outros linguajares sociológicos (de um lado o Brasil e de outro a Europa).

Menos de 5 anos após esta reflexão de JFA, o 1º Congresso Luso-Afro Brasileiro, realizado aqui em Coimbra em 1990, abriria as portas do que tenho para mim ser ainda hoje a mais intensa e regular colaboração internacional da sociologia portuguesa. O Brasil, com a sua já então longa história de prática sociológica e o exemplo luminoso de Florestan Fernandes, injetaram entre nós um espírito renovado de inquieta revelação dos meandros e das profundidades estruturais da nossa sociedade. De outro lado, a Europa com o *European Social Survey*, apoiado pela Fundação Europeia de Sociologia e pela FCT e experimentado pela primeira vez em setembro de 2002, tornava próxima a realidade social e os comportamentos e valores de uma Europa que teimava em permanecer distante.

JFA sabia de cor o impacto que tal instrumento poderia trazer aos sociólogos e sociólogas de Portugal. Com o seu “Classes sociais e valores” de 2008, incluído em livro editado pelos colegas Anália Torres e Luis Baptista, JFA foi dos primeiros a constatar como o ESS iria enriquecer de uma penada a “linha de uma muito longa tradição [estudo das classes sociais] e a capacidade explicativa da análise”. E assim fez progredir as suas reflexões sobre as aproximações substantivas entre pertenças de classe, orientações ideológico-políticas e as práticas eleitorais”. Tudo matérias que nunca abandonaria e que soube tratar e partilhar em anos subsequentes com sábia lucidez e não menos esclarecida reflexividade.

Escusado será dizer que a internacionalização da Sociologia portuguesa não deixou de se ampliar... Não apenas pelas louváveis iniciativas e protocolos dos centros de investigação, dos departamentos universitários e das revistas que recobrem o espaço académico nacional, mas também através da intensificação do associativismo internacional da APS, em que pontuam as relações com a International Sociological Association (ISA) e a European Sociological Association (ESA).

JFA acompanhou, cúmplice, esta relação da sociologia com outras disciplinas e outras geografias. Sempre em defesa da autonomia e da identidade próprias, ou, se quisermos usar a linguagem do nosso saudoso colega, sem cedermos ao que gostava de chamar a “síndrome de

Zelig” e o risco que isso representava de perda da “marca identitária própria da disciplina”. E eis que nós, ao seu lado, fomos crescendo, crescendo... ensinando, ensinando... investigando, investigando, publicando, publicando... E eis-nos reunidos em Congresso, pela 12ª vez, a compartilhar cumplicidades, estudos e práticas, teorias e metodologias. Não estamos a fazer mais, caros e caras colegas, do que aquilo que JFA entendia ser a função primordial dos Congressos: reunindo, estruturando e disseminando saberes sobre Portugal. Com efeito, o João abriu o nosso 1º Congresso exclamando: “Os congressos constituem normal realização de comunidades científicas e profissionais que... periodicamente sentem necessidade de dar conta, quer a si próprias, quer a sectores [sociais] mais vastos, dos trabalhos entretanto realizados”. Ao que acrescentava de seguida: “Temos o direito... de esperar que o nosso primeiro congresso cumpra objetivos desse tipo.”

Sem dúvida, colegas, que temos direito a ensaiar todos esses desígnios... seja mais virados para dentro de nós próprios e seja os dirigidos ao amplo e diverso mundo exterior que continuamente se amplia engrandece socialmente com isso... Sim...com a sociologia que fazemos.

Caros e caras colegas, a morte dilacera-nos... Com o desaparecimento do JFA foi também a sociologia portuguesa e a APS que morreram um pouco. Bem-digamos a memória do João, do homem bom, do colega cordato e do académico ilustre. Resta-nos seguir o seu exemplo... continuar a fazer Sociologia e, naturalmente, a contribuir para as novas vidas da vida da APS.